



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

5792 - Pôster - XIII Reunião Científica da ANPEd-Sul (2020)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 06 - Formação de Professores

CONTRIBUIÇÕES DO CÍRCULO DE CULTURA À FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES PARA UMA PEDAGOGIA DECOLONIAL

Nilton Bruno Tomelin - FURB - Fundação Universidade Regional de Blumenau

Rita Buzzi Rausch - UNIVESIDADE REGIONAL DE BLUMENAU

CONTRIBUIÇÕES DO CÍRCULO DE CULTURA À FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES PARA UMA PEDAGOGIA DECOLONIAL

O modelo de escola que temos autoriza o professor a considerar o estudante como uma tábula rasa. Nele, tudo o que o estudante precisa saber será aprendido a partir daquilo que o professor sabe e transfere. Neste formato há uma reprodução de ideologias, valores e princípios sustentada em uma postura que nega a crítica, a criatividade e a curiosidade. Por outro lado, há também um contingente de docentes que aposta exclusivamente na estrita capacidade de aprender do estudante. Neste contexto, a renúncia é do docente sobre a sua função de intervir no processo de aprendizagem. O efeito disto é que o resultado pode ser igual ao outro extremo.

Diante deste cenário é preciso pensar em um novo caminho epistemológico no que diz respeito ao protagonismo de estudantes e professores. Neste sentido, é importante reconhecer que há uma forte tendência de estabelecer uma ação diretiva e problematizadora que lança sobre o professor e o estudante desafios de construir caminhos para novas respostas e questionamentos.

Assim, emerge a perspectiva de se debater a formação continuada de professores na perspectiva de uma pedagogia decolonial tendo como estratégia a prática do Círculo de Cultura proposto por Paulo Freire (1992). Refletimos nesta pesquisa sobre a formação continuada dos docentes por compreendermos que é por meio dela que podem ocorrer debates de temas que envolvem a práxis do ato educativo pautados na dialogicidade, emancipação e criticidade. Diante disto, a questão fundante desta investigação é: quais as interfaces teóricas entre o Círculo de Cultura e a formação continuada de professores para uma pedagogia decolonial na Educação Básica? O objetivo busca identificar as interfaces teóricas entre o Círculo de Cultura e a formação continuada de professores para uma educação decolonial na Educação Básica.

O método utilizado é a pesquisa teórica com vistas à proposição de uma formação continuada por meio da prática do Círculo de Cultura visando a pedagogia decolonial. Trata-se de uma pesquisa teórica, que segundo Demo (2000, p. 20), é "dedicada a reconstruir teoria, conceitos, ideias, ideologias, polêmicas, tendo em vista, em termos imediatos, aprimorar

fundamentos teóricos". Neste sentido, a pesquisa está num estágio de alinhamento teórico entre o conceito de formação continuada e a coerência do uso do Círculo de Cultura numa perspectiva de docência para uma pedagogia decolonial na Educação Básica.

Compreendida a necessidade de se estabelecer um estudo acerca da formação de professores numa perspectiva decolonial, foi preciso estabelecer um referencial teórico que a sustente. Para tal adotamos principalmente as ideias de Freire (1985, 1992, 1996, 1997), Walsh (2007, 2012) e Oliveira e Candau (2010) como referenciais de defesa de uma postura que acolha a diversidade na sua profunda expressão. Já Nóvoa (1991) e Imbernón (2011) foram essenciais na definição de nosso entendimento acerca da formação de professores. Com base nestes referenciais o texto trata da interculturalidade presente no Círculo de Cultura, como instrumento para consolidar a pedagogia decolonial na formação continuada de professores.

A postura firmada na ética que segundo Freire (1996, p. 17) “se sabe afrontada na manifestação discriminatória de raça, de gênero, de classe” e acrescenta que “é por esta ética inseparável da prática educativa, não importa se trabalhamos com crianças, jovens ou com adultos, que devemos lutar”. Uma das mais recorrentes práticas da humanidade é seccionar-se para compor grupos “naturalmente” classificados impondo a supremacia de alguns poucos sobre uma maioria. Uma afronta ética que denuncia um conjunto de evidências eurocêntricas de colonialidade que não podem passar despercebidas na formação docente.

A ética da interculturalidade, em uma pedagogia decolonial, é defendida por Walsh (2007, p. 08) ao afirmar que “a interculturalidade crítica [...] é uma construção de e a partir das pessoas que sofreram uma experiência histórica de submissão e subalternização”. A defesa da livre existência e da manifestação da vida é o que podemos chamar de ingrediente ético, indissociável à prática educativa e por conseguintes o é também em relação à formação de quem conduzirá tal prática.

Freire (1997, p. 28) assevera ainda que “a responsabilidade ética, política e profissional do ensinante lhe coloca o dever de se preparar, de se capacitar, de se formar antes mesmo de iniciar sua atividade docente”. Um docente não terá elementos para denunciar a colonialidade a que está submetido o estudante, se não percebeu a colonialidade intrínseca em sua prática. Num contexto em que poucos tendem a desenhar para uma maioria, o caminho a seguir na proposta de Freire é, de certa forma, uma insurgência, apostando na habilidade e necessidade individual de construir seu próprio caminho. Surge então, que segundo Oliveira e Candau (2010, p. 28) é

uma práxis baseada numa insurgência educativa propositiva – portanto, não somente denunciativa – em que o termo insurgir representa a criação e a construção de novas condições sociais, políticas, culturais e de pensamento.

Assim, a tomada de consciência de que seu caminhar atravessa o de outros e por vezes torna-se referência, impõe-lhe a responsabilidade de também conhecer outros caminhares, por meio de uma formação que privilegie o diálogo. Acerca disto, uma das contribuições fundamentais de Paulo Freire é a prática do Círculo de Cultura, que “[...] consiste em um espaço de diálogo entre aprender e ensinar, onde não se tem um objeto, mas que todos são sujeitos de trocas de novas hipóteses de leitura de mundo.” (FREIRE, 1992, p. 155). No lugar da passividade da escola tradicional têm-se pessoas dispostas em igualdade de condições; o professor ensinante é substituído pelo coordenador dos debates; a aula cede lugar ao diálogo; o estudante passivo agora é coautor de sua formação; em lugar de conteúdos, temas de interesse coletivo.

Paulo Freire e Frei Betto (1985, p. 14-15) descrevem que

O círculo de cultura era uma experiência em que você trabalhava com duas, três ou até vinte pessoas, não importava. Os projetos dos círculos de cultura do MCP não tinham uma programação feita a priori. A programação vinha de uma consulta aos grupos, quer dizer: os temas a serem debatidos nos círculos de cultura, o grupo que estabelecia. Cabia a nós, como educadores, com o grupo, tratar a temática que o grupo propunha [...].

Num contexto colonial, a proposição do Círculo de Cultura na formação continuada de professores pode significar a necessidade de uma profunda ruptura. Afinal, a formação continuada de professores segundo Nóvoa (1991, p. 25) contribui para “a emancipação profissional e para a consolidação de uma profissão, que é autônoma na produção de seus saberes e de seus valores”. Essa autonomia terá seu valor reconhecido mediante uma conduta crítica do docente. A autonomia, fundamentada na criticidade, é assim descrita por Moacir Gadotti (1999, p.10-11)

[...] significa, então, capacitar, potencializar, para que o educando seja capaz de buscar a resposta do que pergunta, significa formar para a autonomia. A escola no ideal de Sócrates, deveria instituir-se toda ela em torno da autonomia. Seu método: o diálogo. O discípulo é quem deve descobrir a verdade. Portanto, a educação é *auto-educação*.

O Círculo de Cultura é fundamental para que essa descoberta aconteça sem expressões autoritárias e atenda aos pressupostos da formação de professores. Sobre estes pressupostos Imbernón (2011, p 41) afirma que “o processo de formação deve dotar os professores de conhecimentos, habilidades e atitudes para desenvolver profissionais reflexivos ou investigadores”. Reflexividade e investigação exigem disponibilidade ao diálogo, postura ética e criticidade.

Uma formação pautada no autoritarismo de quem ensina valida apenas os saberes de uma das partes. Consequentemente, não há espaço para a investigação e para a reflexão. A inserção do Círculo de Cultura como prática na formação docente é uma forma de romper com o processo de negação e assumir um compromisso de libertação, base para uma pedagogia decolonial.

A pedagogia decolonial passa a ser um enfrentamento importante ao modelo tradicional e com um processo de formação continuada por meio do Círculo de Cultura pode contribuir na consolidação de uma formação outra, livre dos modelos e hegemonias. Neste sentido, Walsh (2012, p. 29) destaca que

Obviamente, la pedagogía y lo pedagógico aquí no están pensados en el sentido instrumentalista de la enseñanza y transmisión del saber, tampoco están limitadas al campo de la educación o los espacios escolarizados. Más bien, y como dije una vez Paulo Freire, la pedagogía se entiende como metodología imprescindible dentro de y para las luchas sociales, políticas, ontológicas y epistémicas de liberación.

Num cenário de formação continuada de professores, de conceitos sedimentados, a pedagogia decolonial estabelece transgressões de conceitos e práticas instituídas por modelos

autoritários, moralistas e silenciadores de formação docente. Walsh (2012, p. 67) enfatiza que “[...] “la decolonialidad no es una teoría por seguir sino un proyecto por asumir. Es un proceso accional para pedagógicamente andar”. Portanto, a decolonialidade é um convite a agir e o Círculo de Cultura, é o acolhimento e a promoção à autoria dos sujeitos, o que se espera mediante um projeto de libertação como é a decolonialidade.

A decolonialidade implica em estabelecer formas próprias e exclusivas de agir, pensar, acreditar, dimensionadas pelo diálogo, por uma postura ética e a uma atitude crítica, revelando com isso, sua interface com a prática do Círculo de Cultura, que oferece a todos os praticantes, protagonismo e autoria. Já o Círculo de Cultura, ao opor-se a formas autoritárias de formação, denuncia o colonialismo que se sustenta no silenciamento e na submissão dialogando com a pedagogia decolonial.

PALAVRAS-CHAVE: Formação Continuada de Professores. Decolonialidade. Círculo de Cultura.

REFERÊNCIAS

DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.

FREIRE, Paulo e BETTO, Frei. **Essa escola chamada vida**: depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho. São Paulo: Ática, 1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra: 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 15ª edição. São Paulo, SP: Paz e Terra. 1996. (Coleção Leitura).

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. 8ª edição. São Paulo: Olho d’água. 1997.

GADOTTI, Moacir. **Escola cidadã**. 5ª edição. São Paulo: Cortez, 1999. – (Coleção da Nossa Época; v. 24).

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional**: formar-se para a mudança e a incerteza. Tradução Silvana Cobucci Leite. 9. Ed. São Paulo Cortez, 2011.

NÓVOA, António. Concepções e práticas de formação continuada de professores. In: TAVARES, José (Org). **Formação continuada de professores**: realidades e perspectivas. Aveiro: Universidade de Aveiro, 1991.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de, CANDAU Vera Maria Ferrão. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. In: **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v.26, n.01, p.15-40, abr. 2010.

WALSH, Catherine. Lo pedagógico y lo decolonial: entretejiendo caminos. In: WALSH,

Catherine (Org.). **Pedagogias decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir.** 2012. P. 23-68. Disponível em: https://www.academia.edu/42086391/LO_PEDAG%C3%93GICO_Y_LO_DECOLONIAL_En_email_work_card=title Acesso em: 21.abr.2020.

WALSH, Catherine. Interculturalidad Crítica/Pedagogia decolonial. In: WALSH, Catherine (Org.), **Memórias del Seminario Internacional “Diversidad, Interculturalidad y Construcción de Ciudad”**, Bogotá: Universidad Pedagógica Nacional 17-19 de abril de 2007.